

# MUSEU REGISTRA A FORÇA DA ECONOMIA

Objetos e imagens levam a um mergulho na história de Londrina

**José Antonio Pedriali**

*Especial para a ACIL*

Quem ainda não o visitou não sabe o que está perdendo – e está perdendo muito –, e quem o conhece dificilmente consegue deixar de visitá-lo outras vezes, porque o local faz jus ao ditado “recordar é viver”. O Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss é um constante convite não só para reviver nossa história. É o registro de que a História está em constante movimento.

“Até então, o que existia em pé, fora as árvores, eram 15 ranchos de palmito cobertos de sapé”

No portal que dá acesso à galeria permanente, o visitante, depois de apresentado a uma breve resenha histórica e geográfica, é saudado por George Craig Smith, Alberto Loureiro, Erwin Froelich e o topógrafo Spartaco Bambi, alguns dos integrantes da primeira caravana, liderada pelo primeiro, enviada pela Paraná Plantation para fincar as bases do povoado “Três Bocas”, que o destino viria a rebatizar de “Londrina”. Esses desbravadores misturam-se à mata exuberante do final da década de 1920, em meio à qual abriram a primeira clareira e levantaram as primeiras barracas de lona do povoado que 70 anos depois estaria habitado por cerca de meio milhão de almas.

Vencido o portal, ele estará lá, em pé diante de seu estabelecimento comercial, como sempre esteve ao longo dos muitos anos de existência da “Casa Central”, recebendo a distinta freguesia. Ele é David Dequêch, que, além de ser o primeiro comerciante estabelecido no povoado, mandou erguer a primeira casa de madeira, pois, até então, o que existia em pé, fora as árvores, eram 15 ranchos de palmito cobertos de sapé. A “Casa Central”, erguida em 1931 na esquina da avenida Paraná (hoje Celso Garcia Cid) com Heimtal (hoje Duque de Caxias), era especialista em generalidades – uma espécie de loja de departamentos estabelecida no meio do mato, que vendia, além de secos e molhados, os utensílios mais preciosos da época: tecidos e linha (pois as roupas eram confeccionadas em casa), chapéu, baldes, ferramentas, lamparinas, moedor e torrefador de café, fósforos, máquinas de corte de cabelo e, para a criançada, “saborosas” guloseimas.

A foto de Dequêch está diante da réplica da “Casa Central” – que, em seu apogeu, representava as onipresentes Casas Pernambucanas. Ele posou em pé,



*Interior do Museu Padre Carlos Weiss: local único para se conhecer a alma da Cidade*



*David Dequêch em frente à Casa Central, na época uma espécie de loja de departamentos encravada no meio do mato*

apoiando-se num tronco de madeira – o tronco está lá, ao lado da foto – que ele, em documento que deixou para a posteridade, apresenta como um dos esteios da “Casa Central”, demolida 21 anos depois, portanto em 1952. Era o único pilar ainda “incólume”, segundo ele, e fora extraído de uma árvore de óleo pardo. Dequêch, fundador e presidente da Associação Comercial e Industrial de Londrina durante várias gestões, faleceu em 1979.

A galeria permanente permite uma viagem pelas múltiplas manifestações da vida londrinense desde que a primeira barraca de lona foi erguida, e entre essas manifestações destacam-se as culturais, sociais e religiosas – vêem-se as fotos da primeira escola e seus alunos, de bailes e da primeira casa paroquial, entre outras - e, sobretudo econômicas. Pois foi o crescimento de sua economia que permitiu que Londrina tivesse o acelerado desenvolvimento em suas primeiras décadas de existência, consolidando-se como uma das cidades mais vigorosas do Sul.

Quase em frente à Casa Central, 13 funcionários da Companhia de Terras, sucessora da Paraná Plantation, estão em plena atividade, concentrados em seu trabalho atrás de bojudas máquinas de escrever e calcular. O espaço é apertado e pouco iluminado, as paredes – como todo o edifício, como tudo na época, aliás – são de madeira e há apenas duas mulheres. Oito dos funcionários olham para a câmara no momento em que a imagem foi congelada – posaram, literalmente, para a eternidade, como testemunhas do passado e agentes do futuro. Ao lado dessa foto, uma das maiores da galeria, estão uma maquete do “escriptório” da Companhia, instrumentos de trabalho e uma foto de Willie Davids, seu primeiro gerente.

Olhar para as fotos de Londrina nas décadas de 1930 e 1940 é uma remissão a um passado que parece quase lendário, pois custa acreditar que vacas pastavam na avenida Paraná, que caminhões-pipa percorriam diariamente as ruas do Centro para aguá-las e, assim, atenuar o drama causado pela poeira vermelha, ou, quando chovia, que o atual Calçadão era intransitável até para pedestres.

Visitar o museu é recordar. É viver.



*George Craig Smith, Alberto Loureiro, Erwin Froelich e o topógrafo Spartaco Bambi: chefes da caravana que abriu Londrina*